

**DAS ARTES LIBERAIS ÀS HUMANIDADES DIGITAIS: A LEITURA ANTES
E DEPOIS DO *DIDASCALICON* DE HUGO DE SAN VÍCTOR**

**LIBERAL ARTS TO DIGITAL HUMANITIES: READING BEFORE AND
AFTER THE *DIDASCALICON* OF HUGO DE SAN VÍCTOR**

Juan Manuel Lacalle
Universidad de Buenos Aires

Tradução
Pamela Emilse Naumann Gorga *

Resumo: No presente trabalho nos focalizaremos em uma prática específica, a leitura em um contexto e um texto particulares: o *Didascalicon de studio legendi* de Hugo de San Víctor composto ca. 1130, para aproximar-nos das modalidades de leitura tornadas possíveis com os câmbios de tecnologias. Em um segundo momento, intentaremos pensar como estes câmbios na leitura podem influir nas concepções do saber e na mesma prática da *lectio* de acordo com cada momento histórico (em meados do século XII e na atualidade).

Palavras-chave: Hugo de San Víctor, *Didascalicon*, Idade Média, leitura, tecnologias.

Abstract: The In the present paper we are going to focus on a specific practice, the reading in particular context and text: the *Didascalicon de studio legendi* of Hugo de San Víctor written ca. 1130, in order to approach to the reading modalities that facilitate the changes in technologies. At a second stage, we are going to try to think how these changes in reading can influence the notions of knowledge and the practice of *lectio* itself according to each historical moment (towards the middle of the twelfth century and nowadays).

Keywords: Hugo de San Víctor, *Didascalicon*, Middle Ages, reading, technologies.

Recebido em: 12/10/2014
Aprovado em: 20/11/2014

* pnaumanngorga@gmail.com

Introdução

“Hay quienes quieren leerlo todo. Tú no rivalices con ellos. Que sea lo suficiente para ti. Nada te importe si has leído o no todos los libros. El número de los libros es infinito, tú no persigas lo infinito. Donde no hay un final no puede haber descanso. Donde no hay descanso no hay paz.”¹

Do ponto de vista disciplinar e historicamente amplo, a teoria literária não é nada mais do que a reflexão, com distintos objetivos e mediante diversas ferramentas, sobre os textos e os fenômenos literários. Neste sentido, poderíamos afirmar que a reflexão teórica existiu a partir dos primeiros relatos e, na mesma direção, pensar a teoria historicamente e considerá-la como um processo. Para quem estuda a “literatura” de épocas muito distantes no tempo, a única alternativa que resta é seguir à risca, positiva ou negativamente, os testemunhos que restaram, isto é, “*escuchar a los muertos con los ojos*”² ou desejar “*hablar con los muertos*”³ para poder repensar a nossa própria realidade social e, também, os fenômenos literários mais atuais. Desta forma, mediante um enfoque histórico sobre o modo de refletir teoricamente podemos captar o processo de conceitos ou práticas⁴. No presente trabalho nos focalizaremos em uma prática específica, a leitura, em um contexto e um texto particulares: o *Didascalicon de studio legendi* de Hugo de San Víctor composto ca. 1130, para aproximar-nos das modalidades de leitura que são possíveis a partir dos câmbios de tecnologias. Em um segundo momento, intentaremos pensar como estes câmbios na leitura podem influir nas concepções do saber e na mesma prática da *lectio* de acordo com cada momento histórico (no século XII e na atualidade).

Câmbios de paradigma

De acordo com Ivan Illich⁵, que realiza um comentário do *Didascalicon* para desenvolver a sua teoria da leitura, em meados do século XII se produzem avanços

¹ HUGO DE SAN VÍCTOR, *Didascalicon de studio legendi (el afán por el estudio)*, Madrid: Universidad Nacional de Educación a Distancia, 2011, V-7-25.

² CHARTIER, Roger, *Escuchar a los muertos con los ojos*, Buenos Aires: Katz Editores, 2007.

³ GREENBLATT, Stephen, “The circulation of Social Energy”, en *Shakespeare Negotiations*, Berkley: University of California Press, 1988.

⁴ “En un momento en que la crítica literaria se esfuerza por reconciliarse con las perspectivas históricas y en que, como corolario, la historia social desplaza su atención de las estructuras a las prácticas, el estudio de los objetos impresos y de aquellos y aquellas que los escribieron y fabricaron, que los vendieron o los compraron, que los descifraron y los manipularon (autores, editores, impresores, libreros, merceros, lectores, etc.), constituye un recurso esencial para pensar de manera nueva la relación entre los textos, las formas que los ofrecen a la lectura y los usos o las interpretaciones que los dotan de sentido”. CHARTIER, Roger, *Libros, lecturas y lectores en la Edad Moderna*, Madrid: Alianza, 1994, p. 9.

⁵ ILLICH, Ivan, *En el viñedo del texto. Etología de la lectura: un comentario al Didascalicon de Hugo de San Víctor*, México: FCE, 2002.

técnicos decisivos que promovem um câmbio na concepção da página. Para Illich, a partir desse momento, começa-se a pensar no texto de forma mais abstrata e, mediante a combinação de numerosos inventos técnicos, passa-se a percebê-lo como algo separado do seu suporte ou da realidade física. Assim sendo, por volta de 1150, integraram-se novidades como: a criação do livro de bolso, o papel (importado de China através de Toledo), o uso da cursiva, os índices temáticos, a ordem alfabética, o emprego de palavras-chave e uma forma de planejar as páginas mais apropriada para a visão e o silêncio (abreviaturas, tipos de letras, notas de pé de página, sublinhado, títulos, sumários, introduções, índices gerais, divisões por capítulos). Também, no mesmo padrão, dissolve-se o paralelismo entre as iluminuras e o texto e se lê a miniatura como um tipo diferente de narrativa. Tudo isso produziu uma revolução no que se fazia quando se lia e no que se experimentava em relação ao significado da leitura. Segundo Illich, “*El efecto de esta transformación de la página y el libro sobre la etología y la semántica de la lectura y, por lo tanto, sobre el pensamiento, fue más importante que el de la imprenta*”⁶. Por este motivo, reafirma a sua intenção de não se centrar na história do texto como objeto. Seguindo este pensamento, poderíamos distinguir entre uma revolução de técnicas manuais em meados do século XII e outra de técnicas mecânicas no século XV, já que a transformação da mentalidade seria anterior à transição do manuscrito impresso. Essa mudança rumo ao pensamento abstrato não se encontra isolada senão que está ligada, por exemplo, à discussão sobre o problema dos universais que se deu nas escolas urbanas em pleno século XII. Em relação aos universais, diversas posições se enfrentavam: a realista (ideias com tradução ou existência real), a nominalista (ideias sem correlato real, *flatus vocis*) e a intermédia (universal como acordo mental; pode alcançar-se a verdade desde o particular), cujos principais expoentes eram Guillermo de Champeaux, Roscelino de Compiègne e Pedro Abelardo, respectivamente. Tanto para Abelardo quanto para Hugo de San Víctor, a formação dos conceitos tem a ver com a *abstractio*, e é um processo mental que separa o objeto material da mente classificadora. Assim como se distinguem objetos de conceitos e livros ou manuscritos de textos, as letras começam a separar-se do latim e aparecem cada vez mais escritos nas línguas que efetivamente se falavam, as incipientes “literaturas nacionais” ou, em outras palavras, os *scripta* nas línguas vernáculas.

⁶ ILLICH, Ivan, *En el viñedo del texto. Etología de la lectura: un comentario al Didascalicon de Hugo de San Víctor*, México: FCE, 2002, p. 151.

O *Didascalicon* de Hugo de San Víctor:

A modificação na forma de ler poderia gerar uma mudança no paradigma do saber. Por isso, se seguimos a hipótese de Illich, torna-se interessante aprofundar as concepções da *lectio* e do conhecimento que se observam em um texto como o *Didascalicon de studio legendi* de Hugo San Víctor (1096-1141). Composto por volta de 1130, o texto se inscreve no denominado renascimento do século XII. Naquela época, a chamada *translatio studii* situa, seguindo o prólogo de *Cligès* de Chrétien de Troyes, no centro da cultura e o conhecimento em Paris, após um trajeto que iria desde Babilônia até Roma, passando pelo Egito e Grécia. Neste sentido, e para contextualizar, algumas das novidades que ainda não mencionamos são: o nascimento das escolas urbanas (posteriores às monásticas e como antecedente das universidades) como as de Bolonha, Cantuária, Chartres, Notre Dame, Salerno, San Víctor, Santa Genoveva, Oxford e Toledo, apenas para nomear algumas das mais importantes; a diversificação dos ofícios e a irrupção da burguesia mercantil e artesanal como novo ator social que surge nas cidades; a transição da arte românica à gótica (com as principais inovações dos contrafortes e arcos ogivais); a aparição de diversas tecnologias como a gravura, a pólvora, a lente e o astrolábio e de melhorias, por exemplo, nos relógios e nos barcos; a emergência da polifonia e o desenvolvimento do ritmo (principalmente a partir de Leonino e Perotino e de gêneros como o *organum*, o *discantus* e os motetos); a aproximação da religião cristã aos laicos, especialmente nos centros urbanos; a controvérsia das investiduras (1073-1122), que opôs Papas e Imperadores pela autoridade das nomeações da Igreja, encarregada de investir os bispos; as Cruzadas; a produção de traduções do árabe e do grego e o redescobrimto da chamada *logica nova* de Aristóteles; a importância do estudo da dialética; Bernardo de Claraval e a reforma cisterciense (que buscava o retorno ao regime ascético e simples da oração e o trabalho físico). Foi perante esse cenário que surge o *Didascalicon* de Hugo de San Víctor onde se concebe o conhecimento como uma forma de progresso humano. Hugo foi professor e, depois, diretor da Escola de San Víctor localizada em Paris, discípulo de Guillermo de Champeaux e praticante da regra de Santo Agostinho (de fato, muitos estudiosos o chamam de “o segundo Agostinho”). Além disso, vale notar a grande quantidade de obras que produziu e, principalmente as numerosas cópias que se conservaram de seus textos. No que se diz respeito ao *Didascalicon* em particular, resulta importante assinalar que o título na língua grega (que significa “instrutivo” ou “capaz de

dar instrução”), como muitos outros tratados do século XII, pode apelar para uma filiação europeia ocidental frente às traduções árabes da Escola de Toledo que proliferavam na época. Por outra parte, o subtítulo em latim, como o resto do texto, poderia traduzir-se como “a ânsia pelo estudo” ou “a preocupação pela leitura”.

O *Didascalicon* pertence à primeira etapa da produção de Hugo e possui um matiz místico-racionalista. Ali se apresenta uma “teoria da restauração” (através da busca do conhecimento) da imagem divina que há no homem enquanto estado primitivo prévio ao pecado. Desta forma, a sabedoria (que, em termos gerais, inclui o conhecimento, a virtude a moral e a graça) serviria para a felicidade do homem na sua busca de união com Deus mediante o autodescobrimento e a aprendizagem no exílio (ou *peregrinatio*): “*Es tierno todavía aquel para el que la patria es dulce; en cambio, es ya fuerte aquel para el que cualquier tierra es su patria; por el contrario, es perfecto aquel para el que el mundo entero es su exilio.*”⁷. Do mesmo modo, poderíamos esquematizar três etapas na história do homem: criação–queda–restauração. O meio para alcançar a última fase não é outro que o estudo; assim o homem reconhece a sua natureza, procura em si mesmo o que não deve buscar fora e se restabelece. A ordem e a unidade dos saberes, segundo Hugo de San Víctor, ter-se-iam quebrado após o pecado original. A partir de então, o homem sofreria um duplo exílio: físico, do Paraíso, e linguístico (retratado mediante o episódio da torre de Babel). Com este panorama, uns dos objetivos centrais dos seis livros do *Didascalicon* é a sistematização como remédio, dado que, desde o mencionado duplo exílio, o homem estaria submerso na desordem e a multiplicidade (das línguas e saberes) que comportariam certa incomunicação. O raciocínio que utiliza Hugo antecipa a escolástica do século XIII, cujo maior expoente será São Tomás e, para atingir a ordem proposta, retoma-se o modelo das artes liberais (desenvolvido, entre outros, por Marciano Capella em *De nuptiis Philologiae et Mercurii*) com mudanças significativas.

Hugo apresenta uma nova divisão quadripartite de um saber concebido de forma mais extensa, indutiva, prática e experimental do que seus predecessores. A formação implica então três etapas: leitura, meditação e contemplação. Da primeira, enuncia-se já desde o começo, tratará o *Didascalicon*. Sobre a segunda etapa, a meditação, versará outra

⁷ Todas as citações do *Didascalicon* se farão da edição de Carmen Muñoz Gamero e María Luisa Arribas Hernández publicada pela Universidad Nacional de Educación a Distancia. Doravante serão indicados o número do livro, capítulo e página correspondentes. HUGO DE SAN VÍCTOR, *Didascalicon de studio legendi (el afán por el estudio)*, Madrid: Universidad Nacional de Educación a Distancia, 2011, III-19-175

das suas obras, *De meditatione*, que é introduzida muito brevemente ao final do *Didascalicon*. Por último, e antes de começar a análise da obra, lembremos-nos de duas dualidades próprias da estrutura: por um lado, o título no grego (traço do saber profano que Hugo considera relevante) e o subtítulo em latim (marca do saber religioso) e, por outro lado, uma divisão em duas partes (a primeira mais descritiva e a segunda mais dialogada com o hipotético leitor) de três livros cada uma. No *Prefacio*, Hugo assinala que o fato de não saber é próprio da incapacidade humana e realiza uma distinção: a) não é o mesmo não querer saber que lutar pelo conhecimento; b) ter a capacidade e os meios para poder estudar e não fazê-lo; c) não poder e, mesmo assim, intentá-lo. No terceiro Livro se afirma: “*Nuestros escolares o no quieren o no saben adoptar un método adecuado durante su aprendizaje, y por ello encontramos muchos estudiantes, pero pocos sabios.*”⁸. Desde o começo, explica-se que o Livro tratará da *lectio* e se mencionam três regras para a leitura: saber o que ler, em qual ordem e de que modo ou com qual método, tanto para o estudo dos escritos profanos (Livros I-III) quanto para os sagrados (IV-VI). Os objetivos principais do saber são aprender a proceder, restabelecer a integridade da natureza humana e temperar a influência dos vícios; para isso deve-se seguir um avance progressivo e com passos bem estruturados através da ciência e da virtude. A busca da sabedoria é, também, a da filosofia ou, de maneira esmiuçada, o conhecimento da natureza das coisas, a disciplina dos costumes e os princípios dos atos humanos. O homem possui uma dupla natureza e deve aspirar a restabelecer a parte que tem semelhança com Deus.

A Filosofia, à que deve aspirar o homem, compõe-se de quatro ramificações: a teórica (pesquisa da verdade), a prática (reflexão a respeito dos costumes), a lógica (falar corretamente e argumentar) e a mecânica (atividades desta vida). O estudo da lógica, embora preceda ao restante na busca da sabedoria (já que não se pode discutir sobre as coisas se não se conhece o método para falar corretamente) foi, paradoxalmente, criado como disciplina em último lugar. Além disso, a lógica inclui dentro dos seus estudos os modos de argumentar e de discernir entre raciocínios verdadeiros e falsos, a natureza das palavras e os conceitos, a dialética, a retórica e a gramática. O segundo livro começa analisando etimologicamente a “filosofia” e realizando uma distinção terminológica entre artes e disciplinas (estas últimas como ciências plenas). Posteriormente, especifica-se detalhadamente cada uma das quatro grandes ciências que englobam a todo o resto.

⁸ HUGO DE SAN VÍCTOR, *Didascalicon de studio legendi (el afán por el estudio)*, Madrid: Universidad Nacional de Educación a Distancia, 2011, III-3-135 - grifos nossos.

Nesta ocasião, não iremos no deter na análise minuciosa de cada uma. Especificamente, a principal novidade na classificação de Hugo é a filosofia mecânica, que contempla sete subdisciplinas. Por um lado, contamos com um grupo de três atividades que poderiam vincular-se com o *trivium* na medida em que se ocupam do externo, como as artes liberais que requerem as palavras: o lanifício (tecido, cosido, fio), a fabricação de armas (o trabalho com ferramentas, tanto arquitetônico quanto artesanal) e a navegação (o comércio para “*el que son muy necesarias la elocuencia y la retórica y que reconcilia a los pueblos, consolida la paz y transforma los bienes privados en un beneficio común a todos*”). Por outro lado, um conjunto de quatro atividades que, como as artes do *quadrivium*, se ocupam do interno; neste caso, do corpo humano: a agricultura (lavar, cultivar, semear), a caça (de animais selvagens e aves, a pesca, e se inclui, também, a preparação de todas as comidas, bem como seu número), a medicina (causas e tratamentos para a saúde) e a arte teatral (onde também se levam em conta a ciência dos jogos, as corridas, a luta, os corais, a dança, os dados e a música). Em relação a esta última subdisciplina, Hugo explica: “*Los juegos se contaban entre las actividades legales, porque mediante un movimiento moderado aumentaba el calor natural del cuerpo y el espíritu se recobraba mediante la alegría (...) se hizo necesario que el pueblo se reuniera de vez en cuando para divertirse.*”⁹. As ciências mecânicas em seu conjunto permitem melhorar a vida do homem e, segundo Hugo de San Víctor, se desenvolvem como imitação da natureza que é, por sua vez, reflexo da vontade e o amor de Deus. Neste sentido, Hugo menciona dois modos de aproximar-se ao conhecimento de Deus: o espelho das criaturas, ou natureza, e as Escrituras (relacionados com as categorias de ciência e virtude e com a concepção antropológica de Agostinho dos mundos interior e exterior).

Por outra parte, nos interessa desenvolver brevemente os conteúdos da filosofia lógica que expõe Hugo por se encontrarem mais ligados à reflexão específica sobre a leitura. Ali ingressam como conhecimentos o estudo da gramática e a teoria da argumentação, a ciência das letras, o que se escreve e os sons. O *Didascalicon* realiza uma enumeração precisa:

La gramática trata de las palabras, es decir, atiende a su origen y formación, su composición, su flexión y su enunciado (...) se divide en

⁹ HUGO DE SAN VÍCTOR, *Didascalicon de studio legendi (el afán por el estudio)*, Madrid: Universidad Nacional de Educación a Distancia, 2011, II-27-109.

*nombre, verbo, participio, pronombre, adverbio, preposición, conjunción, interjección, la palabra hablada, la letra, la sílaba, pies, acentos, puntuación, signos gráficos, ortografía, analogía, etimología, glosas, diferencias, barbarismo, solecismo, incorrecciones, metaplasmos, figuras retóricas, tropos, prosa, verso, fábulas e historias.*¹⁰

Posteriormente, Hugo aclara que no seu tratado só se propôs *mencionar* as divisões e os nomes das coisas como um princípio de aprendizagem. No entanto, para quem realmente deseja imiscuir-se no saber, recomenda a leitura de Donato, Servio, Prisciano e Isidoro. Por último, e em relação às finalidades, assinala a importância de aprender a falar sem incorreções, a distinguir o verdadeiro do falso e persuadir.

No terceiro Livro do *Didascalicon*, realiza-se uma recapitulação sobre o que ler para poder aprofundar a ordem e o método. A modo de “estado da arte”, nomeiam-se autores e obras para cada ciência em particular; tanto antigos quanto tardoantigos e medievais. Além disso, Hugo deixa claro que existem duas classes de textos: as artes e os apêndices de artes (sobre uma matéria fora da filosofia como, por exemplo, a ficção). Dentro deste segundo grupo inclui: “... *todas las composiciones de los poetas: la tragedia, la comedia, la sátira, los poemas heroicos, los líricos, los yambos y algunos de carácter didáctico, también la fábula y la historia e incluso los escritos de aquellos que solemos llamar ‘filósofos’.*” (III-4-137). Para além do espaço marginal que para nós possa ter a ficção ou a “literatura” na catalogação do *Didascalicon*, não devemos deixar de lembrar que para a época, e em comparação com outros tratados prévios e contemporâneos, o lugar que lhe outorga Hugo ao catalogá-las como “apêndices das ciências” é mais importante e “revolucionário” do que pode parecer-nos à primeira vista.

A leitura, o estudo e os modos de ler:

Para o estudo é necessário possuir dotes naturais (reter e compreender com facilidade mediante a inteligência e a memória), trabalhar (com esforço e assiduidade) e ser disciplinado (aplicando a moral à ciência e uma vida digna de elogio). Do mesmo modo, no *Didascalicon* se distinguem três tipos de leitura: do que ensina, do que aprende e do que pesquisa por si mesmo. Aliás, se propõem diversas ordens: por disciplinas, livros (autor e matéria), narração e explicação. Por outra parte, existiria um método próprio para a leitura: analisar um texto desde o definido para o indefinido e, precisamente, esta ordem

¹⁰ HUGO DE SAN VÍCTOR, *Didascalicon de studio legendi (el afán por el estudio)*, Madrid: Universidad Nacional de Educación a Distancia, 2011, II-28-111.

proporcionaria uma vida muito prazerosa e, conjuntamente com a capacidade da memória, permitiria reduzir e recopiar algo extenso em algo breve e conciso. Por outra parte, e em relação ao estudo por disciplinas, Hugo se detém na necessidade da humildade para não desprezar nenhuma leitura, ciência nem aprendizagem de ninguém; sobretudo quando já se tem adquirido certo conhecimento. O *Didascalicon* adverte continuamente contra o querer aparecer como sábios antes do tempo já que, evidentemente, existiriam muitos estudiosos que pensavam (ou pensam) mais em *parecer* do que em *ser* sábios. Destarte, explica-se que, para a pesquisa, o estudante necessita ainda mais estímulo do que formação. Acrescentam-se a isso outros quatro preceitos: a tranquilidade, o aprofundamento (tanto em esmero quanto em meditação para a pesquisa), a sobriedade e o exílio (lembramos que para os filósofos todo o mundo é um exílio).

O Livro quarto dá começo à segunda parte do tratado que se detém, especialmente, no trabalho com as Sagradas Escrituras e o estudo Novo e do Antigo Testamentos. Hugo utiliza a metáfora do favo: textos áridos pela simplicidade da sua linguagem, mas cheios de doçura. Assim como não se devia desdenhar nenhum texto que não fosse considerado sagrado, com maior razão nenhum Livro da *Bíblia* é supérfluo. Após deter-se nos autores de cada um, Hugo faz um *excursus* sobre bibliotecas e tradutores (menciona, por exemplo, a *Septuaginta*, e a *Vulgata*), efetua uma análise etimológica dos nomes dos Livros e realiza, a partir daí, algumas interpretações (para exemplificar, diz que o *evangelium*, enquanto “boa notícia”, promete bens eternos e não, pelo contrário, a felicidade terrena do Antigo). Continua-se com uma explicação do estabelecimento dos cânones, o relato temático dos quatro sínodos principais e uma análise comparativa entre os diversos evangelistas. Para concluir, assinala-se quem fundou as bibliotecas, quais escritos são autênticos, enumeram-se os livros apócrifos e se explicam as etimologias de algumas palavras relacionadas com a leitura (com Isidoro como fonte): *codex*, *liber*, *librarii*, *carta*, *pergamenum*, homilia, tratado, diálogo, *sermo*, comentários e glosa.

O quinto livro do *Didascalicon* versa sobre os modos de ler as sagradas escrituras: histórico, alegórico e tropológico. Há um triplo sentido que, não obstante coincida em muitos casos, não aparece sempre. Nesta direção, Hugo alerta contra o perigo de interpretar de uma maneira o que, na realidade, é de outra. Para poder compreender o metafórico se pormenorizam as “sete regras da linguagem das sagradas

escrituras” relacionadas com a alegoria. Esta advertência sobre a confusão de modos de ler pode transladar-se a qualquer outro tipo de leitura e análise textual.

Em relação à importância do trabalho e o método da leitura, Hugo se estende sobre o que impede o estudo: a negligência, a imprudência e o azar (deixar as coisas de lado ou aprender sem interesse, não ter ordem nem método e a pobreza, a doença ou os possíveis atrasos). De acordo com o tipo de impedimento, deve-se castigar o estudante, instruí-lo ou ajudá-lo, respectivamente. Por outra parte, adverte-se que se a matéria é demasiado obscura ou extensa, o estudo costuma produzir raiva ou desconforto na alma. Portanto, resulta importante fazer uso da moderação: não ler tudo, senão o suficiente para cada um (onde não há paz, Deus não pode habitar) como assinalava a epígrafe no começo do trabalho. Vinculado com esta diferenciação, mencionam-se três tipos de estudantes: os que desejam ler as escrituras para conseguir honras de reconhecimento, fama, riquezas; os que buscam o conhecimento e saber muito e, em terceiro lugar, os que estudam para estar preparados segundo o preceito apostólico. Esta última distinção e o referido à moderação poderia estender-se a qualquer tipo de leitura, especialmente à leitura e ao trabalho acadêmicos.

Em estreita relação com o método, retoma-se a importância da ordem para o estudo (neste caso das sagradas escrituras). A aprendizagem ou leitura, assinala, deve realizar-se como a construção de um edifício. Primeiro, se devem cimentar as bases-disciplinas (compreender a história como relato; os personagens, a ação, o tempo e o lugar), depois, sim, fazer uma leitura alegórica e, após isso, tropológica (admirar os fatos de Deus, acreditar nos seus sacramentos e imitar a sua perfeição-moralidade). Para expor com mais clareza a sua ideia, Hugo lembra uma anedota da sua juventude, quando queria conhecer o nome de tudo para, por sua vez, aprender a natureza das coisas (relata-o, aclara, não por ostentação senão para demonstrar que é melhor avançar passo a passo do que dar um pulo e, por conseguinte, cair em um precipício). Há livros específicos das Escrituras que são mais propícios para cada tipo de leitura (histórica, alegórica e tropológica) e, nesta direção, adverte novamente contra a superinterpretação. Deter-nos-emos brevemente no seu exemplo porque é ilustrativo de toda uma discussão teórica que se deu em relação à interpretação e à superinterpretação há alguns anos¹¹. Para exemplificar, Hugo toma um fragmento de *Isaías* onde diz: “Naquele dia, sete

¹¹ Cf. ECO, Umberto (coord.), *Interpretación y sobreinterpretación*, Cambridge University Press: Cambridge, 1992; e SONTAG, Susan, *Contra la interpretación*, Alfaguara: Buenos Aires, 1996., entre outros.

mulheres lançarão mão de um só homem, dizendo-lhe: ‘Comeremos do nosso pão e vestir-nos-emos com a nossa roupa; deixa-nos apenas usar o teu nome e retira de nós a desonra’”¹². A partir daí, realiza-se uma análise de possíveis superinterpretações quando o significado poderia ser muito mais simples e, equivocadamente, entende-se de forma espiritual o que, às vezes, deve ser compreendido literalmente. Neste caso, Hugo apresenta a possibilidade de confundir as sete mulheres com os sete dons do Espírito Santo e o homem com Cristo quando, simplesmente, estar-se-ia referindo a um povo em guerra onde restaram poucos homens após a batalha. Para ver o exemplo com mais detalhe remetemos ao *Didascalicon* VI-10-308-9.

Finalmente, sintetiza, o modo de estudar é a “análise”, que abrange os momentos de classificação e pesquisa e, primeiramente, devem-se distinguir as coisas misturadas para, depois, fazer acessíveis as que estão ocultas. Além do Prólogo e os seis Livros, o texto de Hugo conta com três apêndices. O “A” é um resumo muito claro e esquemático do texto, especialmente das classificações propostas por Hugo e pode ser lido como a aplicação dos próprios conceitos do livro à hora do estudo a modo de *mise en abîme*; o “B” também funciona a modo de introdução explicativa e agrega uma digressão sobre remédios contra três males (a ignorância, o vício e a debilidade) e o “C”, onde se expõe separadamente o “conhecimento” que se vincula com todas as ramificações possíveis da magia.

As mudanças na tecnologia modificam a forma de ler¹³. Muitas das novidades de meados do século XII têm correspondência com os aportes das mais atuais “humanidades digitais”. Ambos os momentos coincidem em que as ferramentas dadas pelas novas tecnologias possibilitam um grande passo desde o descritivo até ao explicativo. Se nos remontarmos à epígrafe que acompanha o começo do nosso trabalho podemos reconhecer, em primeiro lugar, que frente à amplitude de materiais cada vez maior resulta pertinente a seleção, tanto de que textos ler quanto quais partes de cada texto. As inovações que mencionamos a propósito de meados do século XII, hoje são os motores de busca, os hipervínculos, as edições digitais (que permitem estabelecer relações entre textos de maneira mais dinâmica), a facilidade e amplitude dos trabalhos em colaboração e o processamento de dados, só para citar algumas. Tudo isso colabora com uma concepção dinâmica do saber e não com um pensamento estático que toma ou

¹² *Is*, 4,1

¹³ Ver ONG, Walter, *Oralidad y escritura. Tecnologías de la palabra*, FCE: México, 1987, p. 121 passim., especialmente o apartado “Post-tipografía: la electrónica”.

apreende o já conservado. Poder-se-ia, igualmente, inverter a hipótese e considerar que estas novas tecnologias de leitura (tanto do século XII quanto da atualidade) são produto de todo um processo. Neste caso, o interrogante seria como as mudanças na percepção do mundo que orientam e facilitam a eleição de tecnologias.

Illich¹⁴ afirma que na atualidade produziu-se uma modificação na metáfora do livro para a tela como símbolo de leitura e, se damos mais um passo, como decodificação da realidade que nos rodeia. A época do *Didascalicon* seria o início de algo que começaria a se concluir em fins do século XX. Enquanto o livro parece estar em extinção, a ponto de desaparecer ou ser apenas um objeto de culto, o texto, a linguagem e a leitura têm cada vez um lugar mais preponderante. Haveria, então, dois momentos: um que dá início à cultura livresca ou leitura escolástica (tudo isso no marco institucional do surgimento das universidades) e outro vinculado com o que poderíamos resumir como a tecnologia do HTML (Linguagem de Marcado de Hiper Texto) ou da metaescritura (enquanto tudo o que aparecia como nova tecnologia em meados do século XII passa a redigir-se, mesmo que seja de maneira simbólica: tomemos o exemplo mais usual da etiqueta `negrito`). Seria interessante pensar de que modos estas incorporações originaram uma leitura distinta e para isso é proveitosa a aproximação com os exemplos medievais. Embora as novas tecnologias já tenham idade, pensar teoricamente em suas repercussões sobre a leitura atual é ainda um pouco prematuro.

Uma das principais consequências das novidades do século XII é o incremento do uso da pena para substituir o ditado por parte do autor, o que implica numa menor mediação na escritura. O autor passa de narrador de uma história em criador de um texto. Além disso, ao mudar os suportes, transformam-se os meios de difusão e amplia-se o acesso aos leitores. Com todas as mudanças, no século XII reconhece-se e cria-se um novo tipo de ordem. Esta, acreditamos, é o resultado mais importante e fica plasmado de maneira muito clara no *Didascalicon*. Por outra parte, levemos em conta que não só se alteram as disciplinas senão também as subdisciplinas e as funcionalidades de cada uma. Especificamente em Letras ou Filologia, o modo de pensar os fenômenos literários foi variando historicamente segundo fatores culturais e tecnológicos.

¹⁴ ILLICH, Ivan, *En el viñedo del texto. Etología de la lectura: un comentario al Didascalicon de Hugo de San Víctor*, México: FCE, 2002,

Do concluído ao inacabado:

Em 1150, a combinação das técnicas e hábitos permitiu ver o texto como algo separado da realidade física e incrementou-se a distância entre o leitor ou o texto e a atividade de ler ou o escrito propriamente dito. Quiçá, a inclusão da filosofia mecânica, como uma das grandes novidades da classificação de Hugo, possa coincidir com esta “nova” capacidade de teorizar sobre o mais concreto a partir da sua abstração (cf. as sete artes liberais: gramática, retórica, dialética, aritmética, geometria, astronomia, música). Do mesmo modo, esta transição da leitura monástica à escolástica é útil para iluminar a transição da atualidade. O ponto nodal do primeiro câmbio é, segundo Illich¹⁵, o *Didascalicon*, primeiro livro escrito sobre a arte da leitura e que dá conta do início do processo histórico da noção de “texto”. Hugo propõe uma divisão disciplinar ou de campos de conhecimento e uma série de métodos de leitura. Além disso, outorga-se um lugar primordial ao “cânon” a aos “clássicos”. A *lectio* é completa e, por isso, as virtudes que são necessárias para ler, e que se desenvolvem em razão da leitura, seriam muito importantes. Nesse sentido, sempre se enfatiza não buscar a mera acumulação de conhecimento senão dirigir-se propriamente à sabedoria. O principal efeito que se persegue mediante a *lectio* e a *meditatio* é restaurar o que é próprio da divindade que reside em um mesmo, isto é, reconhecer-se a si mesmo e ao próprio “eu”. Aqui chegamos a uma das consequências das mudanças na leitura e nas concepções do saber: determinada alteração na configuração do sujeito e de sua relação com o outro. Vinculado a isso, Illich se detém minuciosamente no conceito de *lumen*: “*La lectura, para Hugo, es un remedio porque devuelve al mundo la luz que éste había perdido debido al pecado*”¹⁶. Nos pergaminhos, nas miniaturas ou nas iluminuras evidencia-se determinada percepção da natureza da luz no século XII. A representação implicava que todos os seres tinham a sua própria fonte de luz e que tanto a página quanto o olho iluminavam. Assim como nos últimos anos passou-se da metáfora do livro à tela, naquela época estava produzindo-se um câmbio do paradigma auditivo ao visual. Todo câmbio cultural implica modificações na percepção, e, no século XII, isso repercutiu na aparição de um novo modo de ser e um novo modo de identidade: o “eu” ou “indivíduo”. Lembremos

¹⁵ ILLICH, Ivan, *En el viñedo del texto. Etología de la lectura: un comentario al Didascalicon de Hugo de San Víctor*, México: FCE, 2002,

¹⁶ *Ibid.*, p. 32.

as anedotas autobiográficas que utiliza Hugo no seu *Didascalicon* para exemplificar. Continuando com a metáfora visual, por meio da luz da sabedoria o leitor poderia descobrir o seu (novo ou verdadeiro) “eu” no espelho do pergaminho. A citação mais conhecida do *Didascalicon*, onde Hugo chama a afastar-se da terra natal, a partir em peregrinação através da leitura, vai de mãos dadas com este espírito de autodefinição ou autodescobrimento (atitude que pode relacionar-se com a solidão dos cruzados ou a vida ascética alentada por Santo Antão enquanto *peregrinatio in stabilitate*). A afirmação de que o eu moderno nasce no século XII é um pouco taxativa. Contudo, as novidades na leitura pareceriam propiciar uma relação mais desconectada entre as pessoas. Existiria uma correspondência entre a aparição da identidade entendida como *uma* pessoa e a aparição *do* texto a partir da página e o concluído¹⁷.

Temos, então, uma primeira mudança em meados do século XII e um segundo momento, a nossa atualidade das humanidades digitais, onde queríamos projetar o conceito de “memória” a partir do lugar que se lhe outorga no *Didascalicon*. O treinamento da memorização (desde um modelo arquitetônico estático a um modelo histórico relacional) encontra-se muito entrelaçado com a leitura, desde a oralidade até à época dos computadores. Hugo restabelece o adestramento clássico da memória como a principal forma de recuperar a informação:

*Al revivir el antiguo entrenamiento arquitectónico de la memoria, Hugo espera preparar a los jóvenes nacidos hacia 1120 para que leyendo se encaminen a la sabiduría en una época en que las nuevas recopilaciones podían haber dispersado y sobrecargado sus cerebros con demasiada facilidad.*¹⁸

Trata-se da passagem da transmissão das autoridades herdadas ao armazenamento do conhecimento propriamente dito ou, também, de um trabalho descritivo a outro explicativo frente à proliferação de informação (movimento que atualmente poderia incrementar-se em grande medida devido à internet). A boa utilização da memória e a seleção servem para sortear o inalcançável. Por outra parte, se a imprensa e o livro eram insígnias do concluído frente aos diversos manuscritos ou versões que existiam de um mesmo texto, as tecnologias atuais voltam a colocar o texto no lugar do inacabado.

O trabalho explicativo vincula-se à atividade não passiva da *meditatio* que

¹⁷ Cf. ONG, Walter, *Oralidad y escritura. Tecnologías de la palabra*, FCE: México, 1987, p. 130.

¹⁸ ILLICH, Ivan, *En el viñedo del texto. Etología de la lectura: un comentario al Didascalicon de Hugo de San Víctor*, México: FCE, 2002, p. 63.

sucedem à *lectio*. Trata-se, também, do segundo passo da “análise” segundo a forma de estudar enunciada no *Didascalicon*: cumprida a classificação, ocorre a investigação. Por outra parte, a leitura é uma tarefa motriz e corporal, requer bom estado físico e intercede entre o macrocósmico do outro e o microcosmos da intimidade pessoal, a introspecção do indivíduo leitor. Ler é, também, uma atividade moral que colabora com a realização pessoal. Contudo, Hugo não se dirige a uma comunidade monástica fechada, mas aos habitantes da cidade e aos homens em geral. Isso pode observar-se no exemplo da desigualdade econômica que dá sobre o final quando realiza uma classificação dos tipos de leitores. Neste sentido, ensinar é um *dever* do mestre, que deve ser *exemplum* para a *aedificatio* da comunidade. Assim, San Víctor recupera o espírito cívico da Antiguidade Tardia, antes que a leitura se torne uma atividade individualista. “*El Didascalicon de Hugo fue escrito según el supuesto de que el nuevo mundo que entonces estaba surgiendo, al mismo tiempo que las libertades de la ciudad y los nuevos derechos del campesino, continuaría 'leyendo' la antigua página.*”¹⁹ As pessoas começaram a ler com uma nova estrutura mental, passando de uma relação com a página própria da leitura em voz alta para outra silenciosa (distinguem-se três tipos de leitura: a pessoa que escuta a sua voz enquanto lê para os outros; a leitura do que escuta ao leitor; e quem lê sozinho, examinando o livro). O método de leitura que Hugo ensina segue uma ordem tão rigorosa que o aluno podia utilizar a sua lembrança como mecanismo para achar o que buscava. A memória visual do leitor meditativo descobria em si mesmo qual tema ou qual fato referia-se por analogia a outro. Em oposição à etapa prévia, Illich afirma:

*Hasta aquí, el oído había distinguido la voz del autor muerto de la voz del lector. La articulación visual de la página exigía ahora una nueva distinción entre los diferentes tipos de personas (...) la articulación visual como un medio de interpretación; también condujo a los primeros intentos de crítica textual.*²⁰

Deste modo, começa-se a diferenciar o que o autor escreve por si mesmo da forma e da ordem que outros possam dar-lhe à sua produção verbal.

A partir da distinção entre versões de manuscritos passa-se da existência de muitos textos correspondentes a uma figura de autor à identificação um a um, isto é, a

¹⁹ ILLICH, Ivan, *En el viñedo del texto. Etología de la lectura: un comentario al Didascalicon de Hugo de San Víctor*, México: FCE, 2002, p. 114.

²⁰ *Ibid.*, p.142.

busca de *um Urtext* e de *um* autor. Em um terceiro momento, observamos na atualidade, produto das novas tecnologias, o caminho em direção ao processo inverso: muitos autores (anônimos ou não) para um texto, seja literário ou acadêmico (ver o ENCOM²¹, Entramado Narrativo Computacional, e The Estoria de Espanna Project²²). O hipervínculos e a escrita informática influenciam na forma da obra e o processo de composição que, em muitos casos, se realiza em colaboração. Por um lado, exemplificamos com o Entramado Narrativo Computacional a possibilidade de escrever, entre outros gêneros, uma novela entre vários autores. Ali, cada autor se encarrega de diferentes seções ou “fases” que depois se entrecruzam com outras. Do mesmo modo, a trama narrativa propõe “navegar” de uma página à outra delegando ao leitor a tarefa de escolher entre continuções binárias uma e outra vez. Por outro lado, o projeto da edição digital da *Estoria de Espanna*, crônica de Alfonso X, propõe um objetivo a longo prazo através da colaboração ou *crowdsourcing* e de um *software* especificamente criado para transcrições e edições de textos. Tudo isso não só incrementa as possibilidades de acesso ao texto e, em certo ponto, faz a sua democratização senão que, também, beneficia a comparação e o contraste entre versões; tarefa extremamente útil para o trabalho do histórico-filológico com manuscritos.

Como mencionávamos, durante o século XII, produz-se uma transformação na *ordinatio* do texto e da página e reconhece-se o mérito próprio de outros trabalhos com a materialidade do manuscrito. Poderíamos estabelecer certa analogia entre este câmbio e o que se está produzindo atualmente através dos meios informáticos e o texto virtual. Estes últimos permitem o acompanhamento do processo de escrita e das modificações mediante ferramentas como o “controle de câmbios” e os “comentários” dos processadores de texto ou programas de escrita e armazenamento de arquivos como “Google Docs” e “Google Drive”. Além disso, as revistas digitais possuem recursos de controle de leitura como as visitas por artigo. A contrapartida disso é que, na internet, o texto experimenta certa instabilidade. As páginas (*web*) mudam ou desaparecem e essa mobilidade ou condição efêmera abre o interrogante sobre até que ponto a ferramenta permite a leitura e o rastreamento da pista e a rasura, já que o texto muda e vai-se apagando muitas vezes, inclusive, sem deixar rastro. Aqui vemos outra

²¹ CARRANZA, Fernando, “Características y justificación del ENCOM”, *Luthor*, VIII, febrero de 2012. <http://revistaluthor.com.ar/spip.php?article43>.

²² Ver <http://estoria.bham.ac.uk/>.

alteração na forma de ler, produto do câmbio tecnológico. A crítica genética busca novas ferramentas como, por exemplo, o trabalho sobre as edições digitais. Contudo, observamos aqui um possível deslizamento da focalização. Do foco na gênese da escritura, passa-se a analisar, a partir do surgimento dos novos rastros (visitas, comentários, foros), o devir da leitura.

A modo de conclusão

No *Didascalion*, a *lectio* associava-se ao saber através da ordem progressiva e do método (a memória ao serviço da busca e a estrutura). Os objetivos destas tarefas (leitura e estudo) eram aprender a proceder, restabelecer a integridade da natureza humana (vinculando a parte divina, que se teria perdido, à humana) e temperar a influência dos vícios. Com este horizonte, a melhor maneira de aproximar-se a esta "restauração" era por meio da sabedoria. Podemos resumir as características metodológicas da aprendizagem enunciadas por Hugo tendo em conta, como pano de fundo, o lugar da leitura antes (artes liberais) e depois (humanidades digitais) da sua época. Primeiramente, e indo do geral ao particular, Hugo destaca a importância da ordem e da memória para recopiar o extenso em algo breve e conciso. Em segundo lugar, outorga um espaço preponderante à análise etimológica e a menção das divisões e os nomes das coisas. Assim, o método próprio para a leitura é analisar um texto desde o definido para o indefinido. Este último entra em contradição, de certa forma, com a dificuldade cada vez maior (devido à multiplicação dos escritos) de não “desprezar” nenhuma leitura (permitam-nos, novamente e por última vez, referir-nos à epígrafe inicial). As inovações tecnológicas, a leitura e a nova configuração do saber no século XII orientam-se ao (re)conhecimento do “eu”, a antologia e a natureza das coisas. Por outra parte, uma das problemáticas fundamentais que preocupavam na época era a interpretação com todas as suas variantes e possibilidades. Na atualidade, e devido ao incremento quantitativo das textualidades, a dispersão e a sobrecarga do conhecimento potencializam-se e, por conseguinte, a utilidade das ferramentas tecnológicas para realizar uma seleção é fundamental. Contudo, se em meados do século XII a nova orientação da *lectio* derivava na leitura silenciosa, a restauração do “eu” e a separação de tarefas no trabalho com a página, hoje, no entanto, observa-se uma leitura compartilhada com novas modalidades que potencializam ao extremo os intercâmbios da recepção entre os leitores (podendo-se antecipar, inclusive, e

criando continuações ou capítulos de textos antes que sejam publicados pelo seu próprio autor). Seguindo o esquema de Hugo de San Víctor, observamos, também, que esses câmbios nas tecnologias de leitura têm um impacto no saber com um desenvolvimento ainda maior, sobretudo, das filosofias mecânica e prática em detrimento da teoria e da lógica. Do mesmo modo, também não parece ser tão relevante, como no século XII, a ordem e a unidade dos saberes, senão que primam a especificidade e a hiperespecialização. Com este panorama, gostaríamos de finalizar com uma pequena demonstração do saber múltiplo e os cruzamentos. Embora já faça alguns anos que a interdisciplinaridade encontra-se “na moda”, acreditamos que as ferramentas que aportam as humanidades digitais e o tipo de análise que propiciam, alimentam as práticas de leitura de tipo explicativo e racional, assim como também desafiam o verdadeiro trabalho interdiscursivo e interdisciplinar, não já desde uma formação “humanista”, mas a partir da colaboração e o trabalho em equipe entre os diversos especialistas.²³

²³ Para a produção do artigo foram consultados também LE GOFF, Jacques, *Les intellectuels au Moyen Age*, Paris: Éditions du Seuil, 1985; e TAYLOR, Jerome, “Introducción” a *The Didascalicon of Hugh of St. Victor (a medieval guide to the arts)*, Nueva York y Londres: Columbia University Press, 1961.